

DE CAVALOS E HOMENS: HISTÓRIA, PODER, ESTRATÉGIAS E REPRESENTAÇÕES

*Ana Paula Garcia BOSCATTI**

*Miriam ADELMAN***

RESUMO: O cavalo, animal que teve um papel fundamental na história moderna, foi também, em contextos específicos, incorporado a regimes simbólicos dominantes, tornando-se significante de status, poder e nação. Discutimos algumas manifestações em que o cavalo foi usado para cultivar a ilusão nacional brasileira, em prol da ordem masculina, da “branquitude” e dos privilégios de classe através de representações épicas da guerra. Embora sejam expressões historicamente preeminentes, há também outros sujeitos e práticas que emergem da cultura equestre, deslocando a hegemonia simbólica – sobretudo, as mulheres que ao se mostrarem exímias cavaleiras, desafiam códigos culturais e ressignificam várias dimensões da relação humano-equino. A mudança de práticas e representações também aciona uma feminilização do mundo equestre que avança para modelos afetivos e sentimentais, focando, além de esporte e lazer, vínculos de “cuidado” e serviços como “terapias” (medicalizadas ou não). Essas representações e práticas também nos fazem pensar sobre fronteiras e nuances da relação humano-animal.

PALAVRAS-CHAVE: Cavalos. Poder. Representações. Masculinidade. Humano-animal.

Introdução

Eles eram muitos cavalos, - rijos, destemidos, velozes - entre Mariana e Serro Frio, Vila Rica e Rio das Mortes. Eles eram muitos cavalos, transportando no seu galope coronéis, magistrados, poetas, furriéis, alferes, sacerdotes. E ouviam segredos e

* UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina. 88.040-900 – Florianópolis – SC – Brasil. anaboscatti@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-8463-4099>.

** UFPR – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas Letras e Artes. Departamento de Ciências Sociais. Programa de pós-graduação em Sociologia. Programa de pós-graduação em Letras. Curitiba – PR – Brasil. 80060150 - miriamad2008@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4482-2578>.

intrigas, e sonetos, líras e odes: testemunhas sem depoimento, diante de equívocos enormes... (Cecília Meireles. Romance LXXXIV, dos Cavalos da Inconfidência).

Equus ferus caballus é o nome científico de um mamífero herbívoro que descende de uma linha evolutiva e habita a terra há cerca de sessenta milhões de anos. A convivência próxima ao *homo sapiens sapiens* fez do cavalo um parceiro para trocas e alianças, que impactaram a vida comum e moldou profundamente a história humana (GUEST; MATTFELD, 2020; DAVIS; MAURSTAD, 2016; KELEKNA, 2008). Essa complexa relação criou laços de sociabilidade que ultrapassam a noção biológica da espécie, inventando modos de vida, sobrevivência, afeto e trabalho.

As transformações evolutivas dessa espécie em direção as áreas de pastagens promoveram uma série de modificações físicas. A consequência dessas transformações anatômicas foi um indivíduo morfológicamente adaptável a sua domesticação principalmente devido à sua utilidade para o transporte (KELEKNA, 2008). Esse fator foi chave para conquistas territoriais e desenvolvimento na agricultura. A busca pelo controle da espécie permitiu que diferentes formas de dominação fossem aplicadas: puxar carros, caçar, servir de animal de carga para minérios e para uso militar em guerras colônias e nacionais. A enorme capacidade do cavalo de se movimentar possibilitou também a maior circulação de pessoas que passaram a se locomover por distâncias maiores e de maneira mais rápida. Deste modo, elas podiam explorar terrenos amplos e diversificados, manter famílias grandes e aumentar seus contatos para alianças e trocas, além de desbravar regiões inabitadas como sugere Samantha Lobato (2013). Ou seja, na medida em que o cavalo era um aliado na manutenção de atividades cotidianas passou a ser igualmente explorado pelo *homo sapiens sapiens*, que habilmente começou a capitalizar sua potência física. Essa complexa relação entre o *equus caballus* e o *homo sapiens sapiens* se aprofundou e diversificou ainda mais com a modificação dos ecossistemas. Teve um papel fundamental como elemento da expansão do Antropoceno¹, ou seja, da era moderna, viabilizando práticas coloniais e capitalistas de exploração vegetal, animal e mineral.

A ciência igualmente colaborou com a garantia da subordinação das outras espécies em relação ao *homo sapiens sapiens*. Donna Haraway (1991, p.08) afirma que o princípio de dominação está profundamente enraizado nas Ciências Naturais. A

¹ Antropoceno é um termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. Em geral está relacionado as mudanças que o planeta vem sofrendo a partir do século XVII com a industrialização, que gerou acentuadas possibilidades humanas de modificar as condições naturais da Terra, seguindo acelerados padrões de destruição. Ver Steffen, Grinevald, Crutze e McNeill (2011).

categoria de natureza é socialmente construída, o que permite que ela seja uma ferramenta política. Deste modo, a noção biológica de *homo sapiens sapiens* foi historicamente criada para diferenciar o humano do animal e com isso naturalizar a relação política que condiciona espécie, gênero, raça e nação.

Todas essas categorias são organizadas por dispositivos de poder que operam elegendo corpos mais ou menos legítimos dentro do que se define como Estado-Nacional. São também os Estados que chancelam as fronteiras sobre o que é “humano” e relevante para a manutenção de suas relações de poder e sistemas de privilégios de gênero, classe e raça. Essa invenção tem como efeito reproduzir a falácia que cientificamente os hierarquizou frente aos outros animais², para a manutenção de um sistema de controle, exploração, capitalização e genocídio do que se entendeu como natureza.

As diferentes sensações e experiências que nasceram da relação entre humanos e cavalos condicionaram uma série de signos sobre guerra, liberdade, masculinidade, colonialismo, soberania e pureza racial. Entretanto, a consolidação desses signos junto as práticas sociais hierarquizadas também produziram o seu oposto, ressignificações e agenciamentos outros, que embora não hegemônicos, disputavam – conscientemente ou não – um campo prático e simbólico. Neste sentido, concretamente, há uma longa história de amazonas e cavaleiras que vem sendo cada vez mais reconhecida como parte do legado equestre da humanidade (ADELMAN, 2020; ADELMAN & KNIJNIK, 2013; LAGIER, 2009), assim como houve povos indígenas das Américas que criaram um saber próprio (e por vezes, até superior) do animal equino trazido pelos colonizadores como aliado e viabilizador da conquista (CAMPHORA, 2017; CLARK, 2001; SLATTA, 1992).

Como sinaliza Anne McClintock (2010) as teorias científicas do século XIX traçavam uma pirâmide hierárquica onde elegiam no topo do desenvolvimento o homem branco europeu, o modelo legítimo de humanidade e cidadania. Segundo sugere a autora, a ideia de Família do Homem desenvolvida por Mategazza naturaliza o progresso histórico como uma “família” descrita apenas pelo homem branco. O que implica que o racismo científico disseminou uma imagem associada a gênero e raça para promover a ideia de progresso. Logo, mulheres, pretos, indígenas, pobres, homossexuais, idosos, pessoas com diversidade corporal e animais deveriam ser dominados, domesticados e consumidos porque não faziam parte do projeto político do Estado-Nação. Esses corpos foram (e muitas vezes ainda são) considerados “sub-humanos” pois lhes conferiram um estatuto de subcidadania. Abraçar a civilidade

² Ver Donna Haraway (1991. p.11).

humana, o progresso nacional era, portanto, subalternizá-los e afastá-los da participação reconhecida em instituições ou de qualquer garantia de direitos. Assim como o “humano [homem]” enquanto categoria biológica estruturou a desigualdade de raça, gênero, classe, sexo e espécie, o *equus ferus caballus* foi igualmente capturado pelo poder, como peça na produção de “regimes de verdade” sobre “civilização”, nacionalidade, gênero, sexo, classe e raça.

A história profunda da relação entre humanos e equinos revela que um mecanismo fundamental da apropriação utilitária e identitária dos cavalos foi sua seleção e reprodução como raças com funções e distinções próprias. Inspiradas em trabalhos pioneiras sobre seleção genética de animais em sociedades modernas como o de Ritvo (1987), estudiosas e estudiosos da história equino-equestre vêm mostrando como raças de cavalos se produzem em relação às hierarquias humanas (GUEST; MATTFELD, 2020; DAVIS; MAURSTAD, 2016). Desde seus destinos diferentes para funções de trabalho no campo ou para o esporte e lazer de elites, complexos processos de seleção genética foram se moldando junto com os conteúdos simbólicos potentes, em referência a grupos sociais particulares ou mesmo se tornando significantes de nação. Assim, por exemplo, os cavalos da raça *Finnish Horse*, “o cavalo finlandês”, teve suas características físicas particulares negociadas através da procriação para tornar-se um símbolo nacional nesse país. Da mesma forma, no Egito a reprodução do cavalo “árabe” foi tanto objeto e sujeito do colonialismo e seus aspectos raciais e de gênero quanto da globalização e a financeirização das relações, como mostram Davis e Maurstad (2016). No Brasil, foram várias as raças historicamente construídas e identificadas como produto e significantes da brasilidade (CAMPHORA, 2017). Ou ainda, associadas a histórias regionais, como no caso da raça crioula da região sul, um cavalo “rústico” que hoje se tornou objeto de uma grande indústria, acompanhada por fortes discursos identitários (ADELMAN; CAMPHORA, 2020).

Gênero, raça, classe e nação

O êxito performativo das narrativas conduzidas pelo poder depende não só da linguagem, mas da ritualização repetida dessas representações e práticas. Por isso, é comum durante as datas cívicas e as festas que celebram a identidade nacional contarem com a performance de corpos masculinos junto a cavalos, remetendo-se claramente a práticas militares de conquista e construção da nação, da época em que homens guerreavam prioritariamente no lombo destes animais. A masculinidade heroica

flagrada em discursos sobre a vitória na guerra garante a manutenção da ordem masculina nacional. A colonialidade de gênero³ impôs um sistema de representação transmitido pela cultura popular e pelo discurso científico que identificou o corpo masculino como o mais legítimo para incorporar a soberania nacional. A preservação da hegemonia política sexual parece enraizar-se no status de autoridade dos corpos brancos, masculinos, reprodutivos e heterossexuais.

No Brasil, país de grande tradição equestre, podemos traçar também a genealogia da figura masculina de poder no lombo do cavalo – e quem é incluído, quem excluído desta construção. No brilhante livro de Richard Miskolci (2012), revelam-se as dinâmicas fundamentais da construção da masculinidade hegemônica a partir da gestão biopolítica que se implementou na transição do Império para a República. A formação da nação era liderada por um projeto de hegemonia política que diagnosticava a sociedade como uma realidade biológica, racialmente sistematizada e cujo futuro dependia do embranquecimento, e de um determinado “projeto de família”. Isso permitia que as inseguranças raciais, sexuais e de gêneros estivessem relacionadas, produzindo uma sociedade que vivia através do medo, no qual negros, mulheres e homossexuais eram percebidos como ameaças reais, associadas à anormalidade. Dentro dessa perspectiva, o medo exigia regulação e disciplinamento por parte do Estado e das instituições médicas e jurídicas. O Estado passava a controlar as relações sexuais que estavam fora da esfera da racialização “adequada” e impunha um padrão de discursos que tinham por objetivo o branqueamento como pano de fundo para a civilidade baseada em práticas discriminatórias e formas sutis de rejeição. A regulação da intimidade afetiva e sexual, é uma peça chave para compreender como o ideal reprodutivo, heterossexual, branco e viril, assumiu o protagonismo do “desejo da nação”. Esse processo flagrou as fronteiras da heterossexualidade compulsória no Brasil.

Assim, a história de práticas e enunciados sobre raça, sexo, gênero produziram em regulação em relação aquilo que se define como nacional, oferecendo a essas ideias um regime de visibilidade e linguagem. A heterossexualidade, como parte da narrativa

³ Para María Lugones (2008), o sistema moderno colonial utiliza de estratégias e práticas discursivas para colonizar os nativos (homens e mulheres) que contém profundas dimensões de gênero. A colonialidade de gênero é um fenômeno amplo, um dos eixos do sistema de poder e, conseqüentemente percorre o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, atravessando também a produção de conhecimento através do próprio interior dessas relações intersubjetivas. Resumindo, toda forma de controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e do trabalho existe em conexão com a colonialidade. Para Lugones (2008) entender os traços historicamente específicos da organização do gênero em seu sistema moderno colonial (como o dimorfismo biológico, a organização patriarcal e heterossexual das relações sociais) é fundamental para entendermos como essa organização acontece de forma diferente quando somada às questões raciais.

nacional é um dispositivo de reprodução do corpo nacional, junto à supressão ou redução da atividade feminina⁴. Dentro dessa perspectiva, a ficção nacional em geral condiciona os modelos de gênero à matriz heteronormativa e reprodutiva.

Nesse sentido, um determinado tipo de corpo masculino figura em grande parte das iconografias produzidas para recriar grandes momentos da História brasileira. O poder é relacionado aos homens brancos, viris e das elites nacionais⁵. A consagração das narrativas heroicas, seja em momentos de glória para reforçar o corpo masculino no poder, ou até mesmo em momentos de insegurança, para conduzir a narrativa da guerra, são efeitos da dominação simbólica masculina.

A busca pela preservação ou purificação do que se entende como raça, também foi acionada para o melhoramento de algumas espécies animais. A tecnologia do pedigree, que começa a surgir no século XVIII, aplicada à seleção genética de animais, é mais um curioso desdobramento de preocupações humanas de hierarquia, controle e distinção. Como mostra Natacha Leal (2015), trata-se de um mecanismo que, a partir do parentesco, busca estabelecer relações de pureza e distinção entre os ascendentes e descendentes. As tecnologias de purificação de raças animais mantem continuidade com noções e estruturas de diferenciação entre humanos; se os animais em geral são um signo para o “outro” aniquilável, o pedigree é usado para diferenciar e classificar a fim de naturalizar essa relação política em que alguns (humanos, e/ou não humanos) adquirem mais valor do que outros. Ter “a propriedade” sobre um animal com pedigree também pode se tornar um signo de civilidade, pureza racial e prestígio econômico.

O cavalo, apesar das múltiplas funções em diversos contextos humanos, foi muitas vezes transformado em signo de distinção social, da pureza racial e de soberania masculino. No contexto brasileiro foi, como assinalamos, grande veículo da colonização europeia. Ele chega inicialmente ao Brasil através de uma unidade da cavalaria que se instalou em Pernambuco. Outros estados do Sudeste e do Sul do país passam a incorporá-lo para ajudar os colonizadores na manutenção das fronteiras e nas disputas com as populações indígenas (ADELMAN; CAMPHORA, 2020). Entretanto, se tornou parceiro também da população trabalhadora, como companheiro no trabalho cotidiano, facilitador da mobilidade e objeto de afeto e estima. Hoje em dia, em comunidades rurais

⁴ Ao implementar a heteronormatividade como modelo nacional regulador, capturam-se os úteros que têm como função principal produzir e reproduzir a força de trabalho, ou seja, o útero garante a acumulação capitalista. Ver Preciado (2019, p.71). Nessa perspectiva, a ficção nacional em geral condiciona os modelos de gênero à matriz heteronormativa e reprodutiva.

⁵ Indagar esta dinâmica da construção da masculinidade colonizadora, do ‘homem viril’ que desbrava fronteiras e constrói nações, é tarefa fascinante e necessária. As disputas simbólicas e práticas que se dão em torno dela têm sido objeto de inúmeras contribuições, em outros contextos nacionais. Conferir com Kosofsky-Sedgwick (2015) e Kimmel (2011).

do país, muitas identidades e atividades culturais incorporam ou giram em torno deste animal. Ele fez parte igualmente de diversas culturas regionais de rodeio (ADELMAN; BERNAVA, 2019) e adquiriu significados sociais diferentes, como por exemplo no sul do país, onde o cavalo crioulo, é celebrado como resistente, forte, de pequeno porte e grande “coração” (ADELMAN; CAMPHORA, 2020), servindo como significante para a legitimação cultural das camadas populares em relação ao avanço da depredação “modernizadora”.

Apesar do seu profundo vínculo com um rural vibrante – e que luta por sobreviver – até recentemente, a representação histórica do cavalo como animal de elite tinha, no Brasil, foi uma força discursiva contundente e pouco contestada.⁶ Prevalece o esforço semiótico em significar o cavalo junto a estratégias de representação política, traçando um mapa do poder que produz regimes de verdade através da preservação da hegemonia sexo-racial.

A tradição monárquica nacional e seu poderoso sistema de representação conduzidos por artistas financiados pelo Império cultivava a ilusão nacional em garantir a ordem masculina nacional, a pureza racial e os privilégios de classe através das representações épicas da guerra. Nessas obras, cavalos negociam imaginários de batalhas, vitórias, massacres e força física sem deixarem de sutilmente reforçar uma estrutura de poder assentada em questões de gênero e suas intersecções. Neste sentido também, o cavalo se mostra um agente da história, um ator não humano que participa ativamente da composição de narrativas de soberania nacional, mas que – como veremos no final deste artigo – participa também da reinvenção de relações e significados sociais.

A ficção política dos cavalos

No final de maio de 2020, no mesmo dia em que as ruas dos EUA diziam não ao racismo estrutural e em São Paulo-SP torcidas organizadas inimigas se uniam para exigir a manutenção da democracia, Jair Bolsonaro⁷ desfilava a cavalo erguendo-se sob controle da natureza, a eminência da guerra e a glória do pedigree. A tradição cavalheiresca era redefinida através do cavalo geneticamente semeado em gerações de cruzamentos regulados sob modelos desempenho físico e reprodutivo, simulando a

⁶ Uma hipótese de pesquisa nossa seria que mudanças recentes nos discursos sobre a importância e papel social do cavalo reportem menos à valorização do modo de vida rural das comunidades e muito mais aos crescentes usos do cavalo como animal de esporte, lazer – e mesmo, de terapia – para as classes médias urbanas.

⁷ Assumiu a presidência do Brasil em 2019. No período da redação deste texto ele estava sem partido.

vitória da pureza étnica, alegoria sexo-semiótica do seu projeto racial masculinista. Como aludimos, cavalos e ficções sobre a identidade nacional se juntam em guerras simbólicas sobre regimes políticos e suas regulações. Assim, Jair Bolsonaro aproveitava a pandemia e a insegurança nacional para recriar suas alegorias e refundar os mitos nacionais. Apesar de sua apresentação rude, Jair Bolsonaro e sua equipe traçam suas estratégias políticas a partir de performances públicas cuidadosamente orquestradas para delimitar e significar sua política: através de cavalos, jet-skis e espalhamento de fluidos corporais⁸ que enunciam a guerra, o neoliberalismo, a pureza étnica e o masculinismo reprodutivo.

Figura 1 - Performance pública de Bolsonaro, manutenção do poder masculino frente à insegurança nacional.



Fonte: Dida Sampaio/Estadão Conteúdo.

Montado a cavalo junto à cavalaria, Jair Bolsonaro, desfilava no meio dos seus apoiadores que acenavam e gritavam seu nome. A política recente do Brasil está marcada pelo uso performático de elementos discursivos que figuraram a respeito da nacionalidade em outros momentos da História, mas que são reapropriados a fim de resignificar sentidos. O Estado cria suas ficções, reinventa seus signos e performances públicas sobre a identidade nacional na esperança de agir contra a ameaça da

⁸ Ver Ana Paula Garcia Boscatti (2020).

instabilidade. O corpo masculino sobre o cavalo produz códigos de identificação sobre a soberania nacional. A política se faz numa disputa sexo – semiótica (PRECIADO, 2010). Se, na sua versão mais recente de encenação e ensaio, um homem que está no executivo investe na imagem de si como “líder a cavalo” para angariar legitimidade simbólica em tempos escabrosos, é porque a estratégia de teatralizar performances públicas com cavalos frente a insegurança institucional é recorrente no imaginário nacional brasileiro.

Criado em 1888, o quadro *O Grito do Ipiranga*⁹ de Pedro Américo inventava a mitologia da independência do país em que D. Pedro I declarava: – independência ou morte. O cenário, nos campos do Ipiranga, revelava um dos mais novos personagens nacionais: cavalos.

Figura 2 - *Independência ou Morte*, 1888, óleo sobre tela, 415 cm x 760 cm, Pedro Américo, Museu Paulista da USP, São Paulo.



Fonte: História das Artes. Disponível em: [https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/independencia-ou-morte-pedro-americo/](https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/independencia-ou-morte-pedro-americ/). Acesso em: 19 out. 2020.

Segundo sinaliza Laura Giordani (2016) no Segundo Reinado a Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) escolheu a Pintura Histórica como manifestação capaz de ficcionar uma identidade nacional através da invenção de uma biografia visual do Brasil. Igualmente o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) procurava traçar uma topografia brasileira, consolidar e documentar a História oficial do Brasil

⁹ O nome original do quadro de Pedro Américo de Figueiredo e Melo é *Independência ou Morte*, no entanto, ele ficou conhecido como *O Grito do Ipiranga*.

para que fossem lembradas e cultuadas. As duas instituições trabalharam juntas em seu objetivo: O IHGB escolhia os momentos históricos que eram importantes para o Brasil enquanto a AIBA fazia com que os artistas elaborassem obras com os temas escolhidos (CASTRO, 2007).

Pedro Américo de Figueiredo e Melo foi o responsável por criar a imagem oficial do Sete de Setembro. Em janeiro de 1886 assinou o contrato e imaginava o que era esperado dele, uma vez que ele já tinha experiência na elaboração de Pintura Histórica em sua carreira (como foi com seu quadro A Batalha de Avaí de 1877). Para Giordani (2014), Pedro Américo tinha consciência do impacto que seus quadros teriam na historiografia brasileira. Havia muita expectativa por parte da AIBA e do IHGB em relação ao seu trabalho. Especialmente porque a monarquia estava dando finais de esgotamento a família real e o Imperador pessoalmente estavam perdendo força e alianças políticas. Frente a isso, a família real que havia financiado os estudos de Pedro Américo por anos, necessitavam de uma imagem positiva de D. Pedro I como libertador do Brasil representando a luta, o nacionalismo e a bravura para o expectador.

Deste modo, as festas em torno da Independência significaram esforços coletivos em homogeneizar a identidade nacional. Somente em 1870 (quarente e oito anos depois do evento) que o Sete de Setembro se tornou feriado. D. Pedro II assumia o trono como uma figura mítica e salvadora buscando assegurar a continuidade do poder, uma vez que o Governo Regencial foi cercado por rebeliões separatistas. O Segundo Reinado criava seus sistemas de títulos¹⁰, heróis, rituais, símbolos, honrarias para consolidar o pertencimento nacional.

O feriado do Sete de Setembro, suas festividades e a figura de D. Pedro I como herói foram resultado dos esforços do Segundo Reinado em formar uma identidade nacional para os brasileiros. O interessante a respeito da Independência é que o Sete de Setembro de 1822 se tornou feriado nacional e reconhecido como o dia da libertação do Brasil apenas no ano de 1870, quarenta e oito anos após o ocorrido. Existia a necessidade dar uma nacionalidade aos brasileiros, de criar símbolos e heróis brasileiros para dar sentimento de pertencimento e orgulho ao povo.

No quadro Independência ou Morte – ou O Grito do Ipiranga – existem seis principais relações de poder associadas a personagens: o poder militar, o poder político-econômico, o poder masculino, o poder racial, o poder humano sobre o não-humano

¹⁰ Como mostrou Lilia Schwarcz (1998, p.49), Pedro II teve a construção da sua imagem popular como um “mártir da nação”, um dos muitos elementos que construíram a memória desse mártir para a autora estava ligada a mãe de Pedro II ter sucumbido ao parto.

(cavalos e bois) e o poder nacional. Essas seis formas de poder apresentadas se associam a agentes não-humanos (cavalos e bois) para ganharem significado.

No centro da Imagem D. Pedro I levanta a espada e declara a independência, junto a ele figuram outras personalidades influentes. Essa relação se estabelece não só pela proximidade do príncipe, como também pelo tipo de traje que estão usando. Se compararmos o grupo de homens que estão junto a Pedro I, com o personagem popular da extrema esquerda da imagem, percebemos que as roupas rasgadas e dobradas do segundo se contrapõe aos trajes aristocráticos completos com botas, casacos, coletes e chapéus. Observa-se no grupo de apoiadores diretos de D. Pedro I pelo menos três tipos de chapéus: um chapéu que é como um quepe (só que mais alongado) que geralmente é usado por líderes das forças militares, a cartola que simbolicamente está associado ao capitalismo financeiro um signo que remete especialmente aos banqueiros e finalmente, o tipo de chapéu de duas pontas usado por D. Pedro I, mas globalmente famoso por ser um emblemático signo associado a Napoleão Bonaparte.

Alguns desses homens levantam seus chapéus a fim de saudar a ação de Pedro I, reforçando os vínculos políticos e alianças de poder no momento da independência. Nesse sentido, o quadro busca mostrar que o Brasil, recém-independente teria suas próprias elites nacionais e estruturas de poder organizadas que dariam suporte a gestão do Imperador brasileiro. Os apoiadores do Império estão todos montados em cavalos, inclusive D. Pedro I que estaria conduzindo um “cavalo alazão”. Mas segundo contam relatos da época como o do padre mineiro Belchior Pinheiro de Oliveira¹¹, Pedro I na verdade, montava uma mula de carga que era o animal mais usado na época para percorrer os caminhos íngremes e enlameados. A imagem busca reforçar essa distinção, onde o cavalo parado e orgulhoso exibe a sua glória física, semeada em gerações de relações de parentesco forjadas para a glória do seu pedigree, assim como costumam fazer as monarquias.

Por outro lado, a figura do homem pobre, não branco (a esquerda do quadro) conduzindo bois de carga e nenhuma arma (somente uma vara longa de madeira para tocar o gado) figura como um contraponto. Esse ator reforça uma oposição a essa estrutura de poder, onde a associação aos cavalos é designada à corpos brancos e os bois à trabalhadores braçais. Além das suas roupas estarem rasgadas, ele está descalço e usa um chapéu de palha. O personagem está no exercício do seu trabalho e possivelmente é um escravo. As toras de madeira que os bois carregam fazem referência ao trabalho árduo e pesado, em contraposição a agilidade dos cavalos que parecem percorrer as margens do rio Ipiranga com rapidez. O trabalhador olha com admiração (talvez um

¹¹ Ver Ricardo Welbert (2015) e Laurentino Gomes (2014).

pouco impressionado) para D. Pedro I em concordância com nova organização política do Brasil.

Essa personagem é utilizada como uma sugestão ao apoio popular de D. Pedro I. Essa leitura é possível pois ao segurar sua longa vara de madeira, diferente dos outros personagens brancos ele não aponta sua vara para o Imperador a fim de saudá-lo, ao contrário, ele a coloca para baixo indicando submissão. Se um corpo negro, em posse de uma vara de madeira a apontasse em direção ao Imperador e sua estrutura de poder político econômica a ideia que transcorreria seria a de insurgência e não aceitação. Colocá-lo como um aliado do Império é também legitimar a escravidão. Enquanto os corpos brancos masculinos são figuras de poder e montam em cavalos, esse homem negro, está destituído de poder. Na imagem, os cavalos supõem o poder soberano masculino e branco. Portanto, conduzir bois de carga é simultaneamente destituí-lo de uma possível relação ao poder e também desautorizá-lo de uma possível associação à masculinidade hegemônica.

O poder militar da cavalaria sugere ao quadro um tom épico, o movimento, a luta, a chegada da armada atravessando o Rio Ipiranga, conflagra o poderio bélico brasileiro que auxiliaria a manutenção da ordem e das fronteiras nacionais. Os cavaleiros vestem seus trajes militares completos e impunham a espada à frente a fim de saudar o Brasil independente. Ao alinharem suas espadas na direção de D. Pedro I saúdam o futuro e atestam a aliança das forças de guerra com o Imperador. Os cavalos igualmente potentes e valentes retratam o poder bélico masculino presente em todo o quadro, nesse sentido, os cavalos são signos da naturalização semiótica da guerra, do combate, da possibilidade de libertação ou o anúncio da morte.

O poder humano sobre o não humano (cavalos e bois) naturaliza a relação política que associa o domínio do homem branco sobre os princípios de espécie, raça, gênero e nação. A garantia da civilidade brasileira estaria preservada com o controle da natureza e a subalternização dos corpos não masculinos e brancos. O poder nacional se apoia na hegemonia sexo-racial do poder para teatralizar a identidade nacional, o patriotismo, a proteção das fronteiras, etc. Assim rodeado de signos sobre a guerra e a consolidação da pátria se naturaliza outra forma de governo onde a morte se torna uma ferramenta de ação do poder. As técnicas de morte prevalecem sobre algumas populações em nome da soberania, da identidade nacional e, muitas vezes, da manutenção da fé. O trabalhador não branco que conduz sua manada na pintura *O Grito do Ipiranga*, não figura meramente ao acaso na obra. Ele é o personagem abjeto, o corpo extinto de poder, por onde as técnicas de governo exercem sua força de extermínio racial, sexual, cultural, etc.

Nesse sentido, o cavalo, seja ele simbolicamente montado por D. Pedro I ou por Jair Bolsonaro foi igualmente cooptado pelo poder para produzir e vender significados consumíveis sobre raça, classe e masculinidade. A atualização do mito da independência também revela novas nuances sobre a política nacional. Enquanto cavalga nas ruas de asfalto do Centro-Oeste brasileiro, Bolsonaro também busca produzir significado e representação para o eleitor do interior do Brasil que encontra no cavalo um personagem em comum. As performances públicas do presidente são coreografadas para através dos signos produzirem significado social.

O poder negocia imaginários, ou seja, sistemas de representação, que são regionais e nacionais, mas também transcendem as próprias realidades configurando experiências desterritorializadas. A ascensão das mídias que financeirizam as manifestações culturais tornando-as potentes produtos comercializáveis, rematerializam o senso de pertencimento nacional. Ao rematerializarem as representações através da imaginação formam um campo organizado de práticas sociais que abrem a perspectiva entre indivíduos de negociarem campos de possibilidades local e globalmente definidos. A partir dessa ideia Arjun Appadurai (1997) nos evoca a entender uma dimensão da nação moderna: a territorialidade. Ao reconhecer que a nação é algo imaginado, o autor igualmente reconhece uma crítica possível a essa ideia: é a imaginação nos conduzirá para além da nação. Portanto, Appadurai (1997) reconhece o trabalho crítico de imaginação e reconhece a dificuldade em construir geografias morais pós-soberanas.

O desenvolvimento do capitalismo ao longo dos anos cria novos modelos de cidades neoliberais-globais que se redesenham em imagens e consumo. Jair Bolsonaro e a mitologia bélica que performatiza se recriam e se transformam na fantasia armamentista dos *agroboys*, ou *cowboys* urbanos. A potência física e bravura se misturam a esteroides e fármacos que junto ao um estreito sistema masculinista reprodutivo sugerem soberania. Uma acumulação cognitiva de signos globais conecta cidades com seus sistemas de símbolos mercantilizáveis tornando-os espaços abstratos, mas ao mesmo tempo privatizados pelo capital.

Na fantasia do domínio da natureza pelo “homem”, a tecnologia desponta como linguagem possível para a reinvenção das suas “fraquezas”. Da mesma forma em que o animal teve que se tornar máquina para compor um sistema exploratório do abjeto e subalterno, a máquina também se tornou progressivamente animal originando novos sujeitos políticos. A genética, as tecnologias biológicas informáticas e financeiras configuram as atuais tecnologias de governo e transformam a constantemente a ideia de natureza. As caminhonetes e artefatos comerciais assim como o sistema de mitologias que inventaram o cavalo como signo nacional ou regional rematerializam a força,

erotizam a relação com o poder, criando uma nova interface que envolve tecnologia, dominação, submissão, masculinidade e soberania.

O poder e suas resistências

Tentando pôr em frases a minha mais oculta e sutil sensação – e desobedecendo à minha necessidade exigente de veracidade – eu diria: se pudesse ter escolhido queria ter nascido cavalo. Mas – quem sabe – talvez o cavalo ele-mesmo não sinta o grande símbolo da vida livre que nós sentimos nele. Devo então concluir que o cavalo seria sobretudo para ser sentido por mim? O cavalo representa a animalidade bela e solta do ser humano? O melhor do cavalo o ente humano já tem? Então abduco de ser um cavalo e com glória passo para a minha humanidade. O cavalo me indica o que sou. (Clarice Lispector, *Seco Estudo de Cavalos*).

Voltando ao começo de nossas reflexões com mais um olhar de outro lugar – o do discurso poético – vemos claramente que as representações do poder, a dominação e a conquista de status social não esgotam o universo simbólico que se constrói sobre cavalos na sociedade brasileira. Os questionamentos que emergem das palavras de duas das mais importantes escritoras do século XX significam este animal de uma maneira aberta e polissêmica. Para Cecília Meireles (1972), os cavalos são criaturas sensíveis que, “ouvindo segredos e intrigas, e sonetos, líras e odes”, tornam-se testemunhas de uma história que são obrigados a carregar no lombo, mas talvez tenham como nos revelar algo sobre os “equivocos” do mesmo. Na prosa poética da Clarice Lispector (1999), ressoa não só a percepção da sensibilidade, liberdade, senão a e a possibilidade de que, através dos cavalos, haja uma chance de reencontrar uma “animalidade perdida” que também nos torna mais (livremente, sensivelmente) humanos.

Ao mesmo tempo e desde dentro de um novo campo que procura refletir sobre as relações humano-animais em sociedades submersas em crise social e ecológica, Halberstam (2014) nos alerta da importância não nos limitarmos ao metafórico ao repensar nossa relação com outras espécies, pois o desafio maior é de reconfigurar práticas. De fato, é fácil, e muitas vezes muito confortável, projetar nossas fantasias e desejos nos seres de outra espécie que nos servem, nos acompanham e talvez nos permitam negar ou aceitar o que nós somos. Por outro lado, nossas projeções, mesmo as mais “antropomórficas”, nunca são “apenas isso”; são, pelo contrário, formas – por falhas ou perspicazes que sejam – de captar, expressar, significar e (re)construir relações

sociais fundamentais, além de tantas vezes exprimir o forte assombro que os humanos sentem face a criaturas tão diferentes, mas também tão parecidos a nós.

Assim, da diversidade de sujeitos e práticas brotam fantasias e desejos que não se alinham apenas ao hegemônico. Como já assinalamos, homens de grupos subalternos e mulheres diversas também dependiam do equino para o trabalho e o transporte, e desenvolveram vínculos que podiam extrapolar em muito critérios apenas utilitários. Há uma ampla literatura que mostra como mulheres europeias desafiavam desde tempos pré-modernos as limitações impostas, com maior ou menor força, à mobilidade e aos comportamentos femininos (ADELMAN, 2020). Há histórias latino-americanas, não só de homens revolucionários que atravessam desertos e florestas no lombo do cavalo – como os lendários Pancho Villa e Emiliano Zapata mexicanos – mas também de mulheres que alcançaram o status de heroínas, como a cangaceira Maria Bonita, a guerreira Anita Garibaldi – exímias cavaleiras até hoje admiradas por terem ultrapassado barreiras socioculturais impostas e reproduzidas com ferocidade – e a protagonista ficcional Maria Moura de Rachel de Queiroz (2004), certamente inspirada em mulheres como estas. Quando mulheres da segunda parte do século XX no estado de Rio Grande do Sul, incentivadas pelo progresso feminino de derrubar barreiras em diversos âmbitos da vida social, passam a reivindicar sua visibilidade nas práticas e no imaginário do “tradicionalismo gaúcho”, lançam mão da única figura feminina do sul de Brasil a alcançar o status de herói a cavalo parecido ao de muitos homens, batizando seu próprio “piquete”¹² de Piquete Anita Garibaldi (Sant’Ana, 1993).

Numa trajetória histórica que se remonta até outros tempos em que sociedades inteiras dependiam do equino e com evidências arqueológicas sugerem que as mulheres participavam plenamente de culturas equestres e seus desafios (LAGIER, 2009), chegamos à contemporaneidade com elementos de profunda modificação em nossa relação com os equinos. Pickel-Chevalier (2017a) mostra como em várias sociedades ocidentais, o cavalo começa, a partir do final do século XIX, a ser representado segundo um novo paradigma, não mais como instrumento de trabalho, senão como “alter ego” – reflexo e apoio para pessoas que sofrem do mal-estar da civilização ou simplesmente precisam de um “amigo verdadeiro” para poder prosseguir com suas buscas existenciais. Embasando seu argumento em uma ampla pesquisa de formas de representação da relação humano-equino na literatura e no cinema franceses e norte-americanos, Pickel-Chevalier (2017a) apresenta um novo modelo com a tendência à sentimentalização, no

¹² Associação de cavaleiros que montam juntos.

qual o par humano-equino é frequentemente (mas nem sempre¹³) retratado como o laço entre uma garota e seu cavalo. Assim, num mundo humano de relações econômicas, sociais e pessoais instáveis, o cavalo passa a ser valorizado – podemos dizer, “imaginado” – como uma criatura com capacidades enormes de “curar”, ou auxiliar na cura do humano que sofre.

Mudam práticas e representações. As mulheres tornam-se amadoras e profissionais do mundo equestre, desde a medicina veterinária até os diversos ramos esportivos. Como Pickel-Chevalier (2017b) também aponta, ocorre de maneira concomitante à feminilização dos esportes equestres, um certo engessamento – vem se convertendo num universo esportivo – cada vez mais engolido por regras, regulamentos e organização burocrática. Desta maneira, ao mesmo tempo em que se ampliam as possibilidades para mulheres e meninas se acharem, no mundo equestre, em atividades profissionais e de lazer, há uma domesticação do que em outro momento pode ter sido experienciado como aventura e quebra de códigos, matizando os sentidos de transgressão que o cavalgar tinha em determinados tempos e espaços – onde e quando por exemplo, às mulheres era imposta a domesticidade e até o montar apenas “à la amazone” (com vestido longo e com sela especial, com as duas pernas jogadas para o mesmo lado do animal).

No Brasil, a “feminilização” do mundo equestre é ainda irregular, devido provavelmente ao vasto mundo da ‘equitação do trabalho’ onde as mulheres têm participação ainda pouco expressiva¹⁴. Contudo, mulheres e meninas são uma presença visível, e por vezes paritária, em cavalgadas e atividades equestres no meio rural, e maioria no cotidiano dos esportes equestres elitizados, mesmo que no topo da categoria esportiva profissional, sua representação ainda não é proporcional (ADELMAN, 2010). Como vemos, há uma ruptura na hegemonia simbólica estabilizada através de séculos de história colonial, com nuances e consequências que deverão vir a ser objeto de muitas novas indagações.

¹³ De fato, Pickel-Chevalier (2017a) nota que numa boa parte da literatura infanto-juvenil de língua inglesa e francesa no período que antecede nossa atual ‘pós-modernidade’, as relações privilegiadas eram as que uniam um garoto vulnerável e seu animal.

¹⁴ Há, aparentemente, poucos (talvez inexistentes) dados sobre a participação das mulheres na lida do gado, no esporte, nas provas mais prestigiosas do mundo do cavalo crioulo, como o ‘freio de ouro’. As competidoras ainda são poucas, embora seu número em outras áreas, como o “laço comprido” tenha crescido. (ADELMAN & BECKER, 2013).

Por outro lado, o novo papel do cavalo na cura – nas diversas terapias que se institucionalizam¹⁵ – é claramente feminilizado. Uma rápida busca pelas redes sociais rende uma pletora de páginas de mulheres profissionais que oferecem diversos tipos de serviços e programas, alguns mais baseados em modelos medicalizados (da psicologia e medicina convencional e reconhecidas) até “constelação com cavalos”, “*coaching* com cavalos” e outras atividades embasadas em filosofias popularizadas de auto-ajuda – fantasias da corrente *New Age* que nos aconselham a “escutar o cavalo” para procurar, e achar, o nosso “eu autêntico”.

De fato, vivemos em um mundo onde tudo “se terapiza” (ILLOUZ, 2008; LASCH, 2018) enquanto o mundo humano se embrenha cada vez mais na sua própria capacidade de destruir a natureza, outras espécies e seres humanos subalternizados. Desta maneira, não deveria surpreender que surjam até “contramitos”, que de certa forma se apropriam de um legado – do cavalo que ajudou mulheres a se mostrarem competentes como aventureiras, viajantes, “bandidas” e posteriormente, como atletas em diversos esportes, desde o rodeio até o adestramento – para associar ao cavalo a capacidade de fazer fruir ou materializar “o poder feminino”.

Com isto, não se trata de negar a capacidade “terapêutica” deste animal, que é percebida e posta a render nos mais diversos contextos¹⁶. A questão é termos o devido cuidado sociológico ao reconhecer quão importante, e ainda tão pouco discutido, é este fenômeno. O cavalo sempre foi importante para mulheres e para povos diversos, foi animal de trabalho, de guerra, esporte e lazer, deu mobilidade para pessoas, homens e mulheres, que muitas vezes tinham uma relação utilitária com este animal, mesmo quando nutrissem afeto por ele. Tem servido como poderosa metáfora de diversos tipos de relações sociais, construídas estas a partir das desigualdades de classe, gênero e étnico-raciais¹⁷. Como os estudos sobre humanos e animais vêm mostrando – e aqui podemos resgatar as contribuições poéticas da Clarice Lispector (1999) e da Cecília Meireles (1972), ao lado da advertência importante de Jack Halberstam (2014) – é

¹⁵ Um exemplo da institucionalização é a Lei 13.830 (criada por Flavio Arns) que regulamenta a equoterapia como método de reabilitação de pessoas com deficiência e que foi sancionada em 2019. (BRASIL, 2019).

¹⁶ Desde os programas que mostram a forte contribuição equina em muitos tipos de reabilitação física de crianças e adultos, até para esforços de prevenção e reabilitação social. Ver Thompson-Hernández (2020), para um trabalho recente que documenta uma comunidade negra pobre dos EUA, que procura o resgate de tradições equestres para criar oportunidades e caminhos são para sua juventude.

¹⁷ O recente movimento BLM (*Black Lives Matter*) tem gerado visibilidade e ímpeto novos para o segmento equestre organizado por e para a comunidade negra dos EUA. Suas lideranças – que incluem hoje mulheres e homens – enfatizam o apagamento histórica do vibrante legado do *cowboy* negro e promovem a expansão atual do espaço de equitadores negras e negros, em atividades de lazer e/ou esporte profissional (THOMPSON-HERNÁNDEZ, 2020).

fundamental reconhecer o que os agentes não humanos nos permitam enxergar, sobre o que nos tornamos, sobre o que nós somos. Deixar que nos inspirem a repensar as relações sociais das quais eles também fazem parte fundamental pode sim, nos ajudar a descobrir e criar novos caminhos e práticas para sair dos atuais impasses da sociedade capitalista, ocidentalizada, patriarcal e ecocida. Nisso, o cavalo como metáfora de liberdade, sensibilidade e coragem, pode iluminar nosso olhar e nos inspirar a refazer caminhos.

OF HORSES AND MEN: HISTORY, POWER, STRATEGIES AND REPRESENTATIONS

ABSTRACT: *The horse, an animal which played a fundamental role in modern history, was also, within specific contexts, incorporated into dominant symbolic regimes, as signifier of status, power and nation. In this article, we discuss some of the manifestations in which the horse was used to cultivate Brazilian national illusions, in favor of patriarchal order, whiteness and class privileges, as demonstrated in epic representations of war. Although they are historically prominent expressions, other subjects and practices also emerge from Brazilian equestrian culture, destabilizing the symbolic hegemony, above all, women who, by showing themselves to be expert horse riders, defy cultural codes and resignify various dimensions of the human-equine relationship. Moreover, changes in practices and representations also triggers a feminization of the equestrian world which advances towards affective and sentimental models, focusing, in addition to sports and leisure, bonds of “care” and services such as “therapies” (medicalized or not). These representations and practices also give us food for thought on the boundaries and nuances of the human-animal relationship.*

KEYWORDS: *Horses. Power. Representation. Masculinity. Human-animal.*

DE CABALLOS Y HOMBRES: HISTORIA, PODER, ESTRATEGIAS Y REPRESENTACIONES

RESUMEN: *El caballo, un animal que desempeñó un papel fundamental en la historia moderna, también fue, en contextos específicos, incorporado a los regímenes simbólicos dominantes, convirtiéndose en significativo de estatus, poder y nación. Discutimos algunas manifestaciones que se utilizó el caballo para cultivar la ilusión nacional*

brasileña, a favor del orden masculina, de la 'blancura' y de los privilegios de clase a través de representaciones épicas de la guerra. Aunque son expresiones históricamente preeminentes, hay también otros temas y prácticas que surgen de la cultura ecuestre, desplazando la hegemonía simbólica, sobre todo las mujeres que, al mostrarse como jinetes exquisitos, desafían los códigos culturales y resignifican diversas dimensiones de la relación hombre-equino. El cambio de prácticas y representaciones también desencadena una feminización del mundo ecuestre que avanza hacia modelos afectivos y sentimentales, centrándose, además de en los deportes y el ocio, en vínculos y servicios de "cuidado" como las "terapias" (medicalizadas o no). Estas representaciones y prácticas también nos hacen pensar en los límites y matices de la relación humano-animal.

PALABRAS CLAVE: Caballos. Poder. Representaciones. Masculinidad. Humano-animal.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres, cavalos, vidas cruzadxs: domadxs, domesticadxs, selvagens? *In:* WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA Larissa (eds). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física** (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE - v. 6). Natal: UFRN p.123-138, 2020.

ADELMAN, Miriam. Women who ride: constructing identities and corporealities in equestrian sports in Brazil. *In:* GRENIER-TORRES, Crystelle. **L'Identité Genrée au Coeur des Transformations**. Paris: L'Harmattan, 2010.

ADELMAN, Miriam; BECKER, Gabriela. Tradition and transgression: women who ride the rodeo in southern Brazil. *In:* ADELMAN, M.; KNIJNIK, J. **Gender in equestrian sport: riding around the world**. Dordrecht/Heidelberg/New York/London, Springer, 2013, p.73-90.

ADELMAN, Miriam & BERNAVA, C. Carla. O rural inesperado: diversidade e rupturas no mundo do rodeio. *In:* PEREIRA, Erik G. Barbosa; SILVA, Alan Camargo. **Educação Física, Esporte e Queer: Sexualidades em Movimento**. Curitiba: Appris.2019.

ADELMAN, Miriam & CAMPHORA, Ana Lúcia. Crioulos e crioulistas: Southern Brazilian Equestrian Culture in a Changing World. *In:* GUEST, Kristin; MATTFELD, Monica. **Horse breeds and human society: purity, identity and the making of the modern horse**. Routledge, 2020, p.104-120.

ADELMAN, Miriam & KNIJNIK, Jorge. Introduction - women, men and horses: looking at the equestrian world through a 'gender lens'. *In:* ADELMAN, M.; KNIJNIK, J. **Gender in equestrian sport: riding around the world**. Dordrecht/Heidelberg/New York/London, Springer, 2013.

APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade notas para uma geografia pós-nacional. **Novos Estudos** n° 49, novembro de 1997, p.33-49.

BOSCATTI, Ana Paula Garcia. Os fluidos corporais de Bolsonaro. Covid19: fabulações científico-políticas em tempos de pandemia e seus demônios. Publicado em 11 de maio de 2020. **LaHíbrid** – Laboratório de Hibridação científico política em Saúde Pública da USP. Disponível em: <https://corona-lahybrid.wixsite.com/covid19/post/os-fluidos-corporais-de-bolsonaro>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL. Sancionada a regulamentação da equoterapia. Agência Senado. Publicada em 14 de maio de 2019. **Agência Senado**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/14/sancionada-a-regulamentacao-da-equoterapia>. Acesso em: 19 out. 2020.

CASTRO, Isis Pimentel de. **Os pintores da História**. A relação entre a arte e a história atrás das telas das batalhas de Pedro Américo e Victor Meirelles. Departamento de História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. 2007.

CAMPORA, Ana Lúcia. **Animais e sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Abramvet/Camphora, 2017.

CLARK, LaVerne Harrell. **They Sang for Horses: the Impact of the Horse on Navajo and Apache Folklore**. Boulder: University of Colorado Press, 2001.

DAVIS, Dona Lee & MAURSTAD, Anita. Meaning of horses. *In*: Davis & Maurstad, eds. **The meaning of horses: biosocial encounters**. London/New York: Routledge, 2016.

GUEST, Kristin & MATTFELD, Monica. Horse breeds: introduction. *In*: GUEST, K. & MATTFELD, M. eds. **Horse breeds and human society: purity, identity and the making of the modern horse**. London/New York: Routledge, 2020.

GIORDANI, Laura. O grito do Ipiranga: a independência do Brasil das galerias aos quadinhos. XII Encontro Estadual de História da ANPUH-RS, Ensino Direito e Democracia. UNISC – Santa Cruz do Sul. **Anais**. 2016.

GOMES, Laurentino. Dois cavalos que mudaram a História do Brasil. **El País**. Publicado em 9 de janeiro de 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/09/opinion/1389266670_104355.html. Acesso em: 22 jun. 2020.

HALBERSTAM, Jack. Wildness, Loss, Death. **Social Text**. 121. Winter 2014.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature**. New York, Routledge, 1991.

ILLOUZ, Eva. **Saving the Modern Soul**. Therapy, Emotions and the Culture of Self-Help. Berkeley: University of California Press. 2008.

- KELEKNA, Pita. The Politico-Economic Impact of the Horse on Old World Cultures. *In*: MAIR, V. H. **The Prehistory of the Silk Road**. Ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008, p.1-31.
- KIMMEL, Michael. **Manhood in America: a Cultural History**. Oxford: Oxford University Press. 2011.
- KOSOFSKY SEDGWICK, Eve. **Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire**. New York: Columbia University Press. 2015.
- LAGIER, Rosine. **Le Femme et le Cheval: des siècles d'histoire**. Janzé: Editions Charles Hérissey. 2009.
- LASCH, Christopher. **The Culture of Narcissism: American Life in An Age of Diminishing Expectations**. New York: W.W. Norton, 2018.
- LEAL, Natacha. O zebu indiano no Brasil central: o pedigree e a consolidação de um mercado de leite. **Revista Florestan**. Ano 2, nº4, São Carlos, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. Seco Estudo de Cavalos. *In*: LISPECTOR, Clarice. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LOBATO, Samantha Campos da Rosa. **O desenvolvimento do Equus caballus e sua influência nas civilizações antigas**. Monografia – Universidade de Brasília/Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, 2013.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. **Tabula Rasa**. Bogotá, nº 9, p.73-101, jul-dez, 2008.
- MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial**. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.
- MEIRELES, Cecília. **O Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2012.
- PICKEL-CHEVALIER, Sylvine. Popular Horse Stories and the Invention of the Contemporary Human-Horse Relationship through an Alter Ego Paradigm. **Journal of Sports Science** 5 (2017a) p.119-137.
- PICKEL-CHEVALIER, Sylvine. Globalization and Equestrian Cultures: The case of Equitation in the French Tradition. *In* ADELMAN, M. & THOMPSON, K. (ed), **Equestrian Cultures in Global and Local Contexts**. Dordrecht/Heidelberg/New York/London: Springer. 2017b, p.81-104.
- PRECIADO, Paul Beatriz. Procreación políticamente asistida y heterossexualismo de Estado. **Un apartamento em Urano**. Crônicas del cruces. Editorial Anagrama. Barcelona, 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Pornotopia**. Arquitectura y sexualidade en “Playboy” durante la guerra fría. Editorial Anagrama. Barcelona, 2010.

QUEIROZ, Raquel de. **Memorial de Maria Moura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RITVO, Harriet. **The Animal Estate: the English and Other Creatures in the Victorian Age**. Cambridge, Ma: Harvard University Press. 1987.

SANT’ ANA, Elma. **A Cavalo, Anita Garibaldi!** Porto Alegre: AGE: 1993.

SCHWARCZ, Lilia. **As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca dos trópicos**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

SLATTA, Richard. **Gauchos and the Vanishing Frontier**. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 1992.

STEFFEN, Will; GRINEVALD, Jacques; CRUTZEN, Paul; MCNEILL, John. The Anthropocene: conceptual and historical perspectives. March 2011. **Philosophical Transactions of The Royal Society A Mathematical Physical and Engineering Sciences** 369(1938): 842-67. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/49799236_The_Anthropocene_conceptual_and_historical_perspectives. Acesso em: 19 out. 2020.

THOMPSON-HERNÁNDEZ, Walter. **The Compton Cowboys: the New Generation of Cowboys in America’s Urban Heartland**. New York: William Morrow, 2020.

WELBERT, Ricardo. Padre que aconselhou Dom Pedro I a proclamar Independência é lembrado. **Portal G1** – Centro Oeste de Minas Gerais, 7 de setembro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2015/09/padre-que-aconselhou-dom-pedro-i-proclamar-independencia-e-lembrado.html>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Recebido em 28/08/2020.

Aprovado em 22/09/2020.